

O acontecimento do dizer♦

Marcus André Vieira

Referência

Vieira, M. A. O acontecimento do dizer. *Agente: Revista de Psicanálise*, a. 21 n. 20. EBP/BA. Salvador, 2023.

[Capa e índice](#)

Conferência pronunciada na *XXV Jornada da EBP-Bahia e XXI Jornada do IPB*, sobre o tema “Os discursos, o impossível e o analista hoje”, novembro de 2021.

Boa noite, queridos colegas e amigos. Agradeço feliz o convite da Diretoria, especialmente a Marcela Antelo, que me honra por participar dessas Jornadas. Elas são virtuais, mas tenho a certeza de uma experiência que é também real, o real do estilo de trabalho da seção Bahia. É um modo de fazer que conheço e reconheço nesse encontro com as diferentes conferências e mesas dessas quartas-feiras.

Difícil tarefa de falar do discurso do analista e de sua relação com o impossível. Especialmente quando acabamos de ter uma demonstração concreta dele ao ouvir o testemunho de passe de Tania Abreu. A vontade é deixar as ressonâncias do que pudemos apreender com o testemunho e pronto. Afinal, um testemunho é, como diz Tania, *uma fala no nível da pulsão*, a gente sente mais que entende, ou melhor, sabe mais do que pode explicar.

No entanto, como um testemunho é fala, também é necessariamente saber. O acontecimento de um testemunho, de certa forma, transcende o que nele é dito, mas não podemos esquecer que o acontecimento só se produz a partir desses ditos. O que se transmite passa necessariamente pela fala, mesmo se nos toca pelo que, nela, é um dizer, como lembra Agamben, impronunciável.¹

♦ Este texto tem algumas de suas ideias vertidas no texto “O que se cristaliza em uma identidade”, publicado em *Latusa*, Revista da Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Rio, n. 26, p. 61-70, 2022.

¹ Cf. AGAMBEN, G. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha. Homo Sacer III*, São Paulo, Boitempo, 2008, p. 27.

Assumimos em uma análise, de fato, outra concepção de saber que não a do senso comum, em que ele é idêntico ao que se entende, tem sentido. Para nós, o saber que interessa não é esse. É aquilo que é fala, mas não é conhecimento, não é sentido compartilhado. É próprio da poesia, da matemática e de tantas outras coisas que Lacan usou para transmitir esse paradoxo, como diz Lacan para definir o inconsciente, de “um saber que não se sabe”².

Esse modo do saber é igualmente próprio e específico do discurso analítico, que Lacan formaliza exatamente para agarrar esta capacidade de uma fala de ser um acontecimento. Para isso, é preciso se apoiar neste saber que está na fala mas não se entende, nessa mistura paradoxal e inseparável entre um texto e o que o habita, a mostraçãõ e a demonstraçãõ, entre singular e universal.

Não é o que faz Tania? Atesta sua soluçãõ sinthomatica singular: a arte de pescar aquela fala do Outro que lhe permite fazer passar, para este Outro, seu dizer. Aqueles, dentre nós, que se sentiram tocados, atravessados, em algum momento do testemunho de Tania, são a prova disso. Por isso, fico muito feliz que uma fala minha tenha lhe servido para pensar o específico do testemunho *on-line* a distância.

Um saber que não se sabe

O dito chave para o que pretendo trazer é aquele de Lacan sobre o dito, o dizer e o querer que Tania destaca: “Portanto, quando interpretamos um sonho, o que nos orienta certamente não é *o que quer dizer isso?*, nem tampouco *o que ele quer, para dizer isso?*, e sim *o que é que, ao dizer, isso quer?* Isso não sabe o que isso quer, aparentemente.”³

Então, retomando Lacan: o que interessa não é o que quer dizer o sonho, como se fosse uma mensagem do inconsciente, do isso. Tampouco o que quer dizer o sonhador, por exemplo, em sua dimensão inconsciente quando produz um sonho como esse. Nem um, nem outro. Nem o desejo do sonho, nem do sonhador, mas o desejo que se apresenta na própria formulaçãõ do sonho, no momento da interpretaçãõ.

Saímos da ideia de uma eternidade prévia para chegar no instante da leitura do sonho em análise, ou de uma fala qualquer do analisante. É o momento raro em que alguma coisa está sendo dita e, nela, de repente, se materializa um dizer em aberto. Atenção! Não é que em alguma coisa dita se materializa um outro dizer, um sentido inconsciente para o que se diz conscientemente. Esse sentido é um dizer fechado. A cadeia inconsciente de um dito, seu dizer inconsciente, seu sentido inconsciente, seria, por exemplo, “bem queria que meu pai morresse” com relação a “e se meu pai morresse, que coisa horrível” do discurso da consciência. Já é uma abertura, porque entre esses dois sentidos um sujeito se localiza e é subvertido, mas Lacan está, nesta passagem, enfatizando que entre as duas cadeias, a consciente e a inconsciente, há outra abertura, uma abertura em si, pura abertura do desejo, sem sentido, só aberta. É ela que interessa.

² LACAN, J. *O Seminário*, livro 17: *O avesso da psicanálise*. (1969-1970) Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992. p. 32.

³ LACAN, J. *O Seminário*, livro 16: *De um Outro ao outro*. (1968-1969) Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. p. 194.

Sempre podemos ler, dar um sentido, a um dizer, mas o querer desse dizer, como querer aberto, é o que vale para um analista, porque a partir dele pode-se viver muita coisa e não apenas aquelas que estão em nossa programação fantasmática, nosso leque de objetos possíveis e impossíveis que se define de maneira mais ou menos repetitiva em nossa montagem de si que Freud chamou narcisismo.

A pergunta é “como fazer isso?”, ou melhor, como ser o parceiro que permite que isso aconteça com outros. Entendo “parceiro”, aqui, não exatamente a pessoa do analista, como dizemos rapidamente, mas sim a função analista, o analista quando funciona como analista, ou seja, catalisa a produção da subversão específica de uma análise em uma vida.

Então, assumo que há para cada um saberes que não são do sentido, não explicam nada, mas são ainda assim concretos, feito de significantes e não de significados. São como o *abre-te-sésamo* das mil e uma noites, nada dizem em termos de conhecimento, mas produzem efeitos uma vez mobilizados. São feitos das marcas do Outro em uma vida e são ferramentas para o analista, por nos ajudar a extrair dos ditos e dos dizeres, o querer, ou como diz Caetano “O querer”.

O discurso analítico é exatamente a formalização do modo como essa abertura do querer se processa. Então vou trazer algumas falas, especialmente de Lacan, sobre o discurso analítico em relação ao dizer, o dito e o desejo, para tentar passar essa ideia para vocês.

Mas, além disso, quero com esse pequeno percurso com o discurso analítico tentar abordar a questão que me move nestes tempos tão duros. É uma hipótese: dadas as condições do mestre contemporâneo, o capitalista, clínica e política estão muito mais entrelaçadas do que com relação ao mestre antigo, o do discurso do mestre.

Nesse sentido, espero estar caminhando na sequência do trabalho de vocês, partindo de onde chegamos com a fala de Fabián Fajnwaks, no último encontro. Fabián fez um apanhado impressionante em riqueza e detalhe, uma radiografia do momento atual, colocando o foco nos fenômenos em seus aspectos clínicos, digamos subjetivos, da grande feira da civilização em que nos encontramos, como dizia Lacan em “Radiofonia”, ou seja, dos efeitos da inversão, gozo no comando e não o mestre, o saber ou o desejo.

Minha questão se situa nesse ponto. Dizendo-a de outro modo: o que muda no fazer analítico nesse novo contexto? E por que a questão política parece tão essencial?

Então, três tempos: retomada do que entendo por discurso analítico; o discurso analítico em tempos de *capitalismo* por toda parte; e finalmente, interrogar a relação entre discurso do analista e o que seria uma política da psicanálise.

Do discurso analítico

O discurso analítico é quase sempre situado de forma paradoxal por Lacan, meio diferente do modo como os outros são situados.⁴ Sobretudo, ele parece contraditório com um laço estável por ser o “discurso lógico da ação” e aquele que poderia, talvez, “fundar um laço social limpo de qualquer necessidade de grupo”⁵. Como?

⁴ O discurso analítico é “um discurso sem fala” (LACAN, 2008, *op. cit.*, p. 41); ou ainda, “um discurso novo” e “hipotético” (LACAN, 1992, *op. cit.*, p. 40).

⁵ “O discurso analítico é justamente aquele que pode fundar um laço social purgado de qualquer

Nada surpreendente que não tenhamos um laço social estável para chamar de nosso, aliás, esse é nosso paradoxo, sintetizado nesse aforismo lacaniano: no discurso analítico *o objeto é ativo e o sujeito subvertido*.⁶

Se ele é problemático, deve-se ao caráter problemático da própria ideia de um objeto que age. Se ele age, continua sendo objeto?

É porque não se trata de um objeto qualquer, mas incongruente com o eu, estranho e por isso recalcado. O analista é o que faz agir este objeto, ou melhor, que encarna, digamos a libido do recalcado, como motor de sua ação.

Para fazer o estranho de cada um falar, como diz (e faz) Lélia Gonzalez⁷, para “fazer o lixo falar”, ele próprio será estranho para sustentar a estranheza de seu analisante, isso tudo sem fazê-lo desanimar por exagerar nos hum-hum e silêncios, por exemplo, sendo mais causa de desejo e, se não amigo, pelo menos de vez em quando, humano.

Dito de outra forma: o impossível do dizer se diz, mas segue impossível de dizer.

Voltando à formalização do discurso analítico: se quem age é o que está fora do discurso e se o sujeito do discurso não permanece, isso corresponderia a um discurso que muda o tempo todo de enunciado e que tem, por seu agente, um excluído que se inclui e, ainda assim, se mantendo excluído o tempo todo. Muito instável.

Por isso, a Escola é um lugar essencial. É preciso uma Escola para sustentar o discurso analítico porque ele é por demais instável. A Escola é a forma política de dar lugar ao discurso analítico no horizonte da época, ou seja, como lugar de preservação do paradoxo ambulante que é o real de uma análise, entre singular e universal, nunca só um ou outro.

Do capitalismo: sujeito, objeto e identidade

Temos que lidar com o maior obstáculo ao discurso analítico em nossos dias, do ponto de vista clínico. O fim do impossível como um dado cultural.

Havia uma maneira, digamos, clássica de localizar o impossível, tratava-se de assumir para si uma impotência, deixando, porém, para à instância paterna toda a força de alguém que não conheceria o impossível. Em outros termos, o filho, se submete ao pai que é tido como aquele que sabe e pode tudo. Estamos em tempos do ocaso do impossível no sentido patriarcal, que é o de impotência, eclipse dessa maneira de lidar com o real, a de Em nossos dias, trata-se da promoção do lema capitalista *impossible is nothing*.

Antes, a negação do impossível se restringia ao pai, éramos, então, todos um pouco conformados com não poder tudo. Agora, se todos podemos tudo, então tudo devemos viver, gozar, saber, etc. A generalização do *impossible is nothing* longe de ser um ganho de liberdade e potência se materializa como exigência e angústia.

necessidade de grupo” (LACAN, J. O aturdido. In: LACAN, J. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 457) e o discurso analítico é “O discurso da lógica da ação” (LACAN, J. *O Seminário*, livro 18: *De um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007. p. 57.)

⁶ LACAN, J. O engano do sujeito suposto saber. In: LACAN, J. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 332.

⁷ GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2020. p. 78.

Dizer que o impossível não está mais na ordem do dia, dado o lema capitalista é uma parte do problema. A outra parte é a subjetividade capitalista que diz: somos todos empreendedores. Se tudo é possível, você pode conseguir o sucesso. Se não conseguiu, é porque não tentou direito. O fracasso é só seu. Essa é a reação social ao objeto *a* no zênite.

Descrever as patologias do ato e da drogadicção é essencial porque é preciso fazer o objeto falar, mas como fazer nesses casos em que ele já está falando? Ele está ali, obturando o sujeito, em sua exigência de gozo supergoico, por exemplo o de ter o último tênis ou celular. A subjetividade capitalista (empreendedor) que é apologia contemporânea do eu vem reunir o objeto mais-de-gozar e o supereu. De um lado, as adições; de outro, a identidade de gozo.

Nesse sentido, recomendo o livro de Asad Haider⁸, *A armadilha das identidades*. O livro toma o tema das identidades, formas concretas de existência, em sua relação com o universal. Ele poderia ser lido como crítica ao identitarismo, mas é um engano. Ele só critica aquele que se satisfaz com afirmar a identidade e pronto.

Uma identidade, no sentido de um pertencimento a um grupo, por exemplo, deveria ser um ponto de partida, mas passa a ser ponto de chegada em alguns movimentos da cultura. Isso só ajuda a negação neoliberal da política, necessariamente coletiva e não soma de uns (cada um tendo direito a seu “modo de gozo” e que se vê no dia a dia das redes). É a crítica, entre outras, de Jessé Souza a Djamila Ribeiro⁹: é preciso pensar como se cria um comum e não como se afirma o cada um ou os pequenos grupos.

Isso posto, Haider destaca que se é perigoso apenas considerarmos que afirmar nossa particularidade seria um ato político em si, é também igualmente nefasto criticar essa afirmação ou rebaixá-la sem propor nada de comum.

E é o maior risco que corremos, hoje, a meu ver, tomar a Escola como lugar extraterritorial, externo à cidade identitária, de onde a criticaríamos.

De onde podemos criticar quem se escora em uma identidade, sim, feita de qualidades, atributos imaginários, para se situar? O gozo que nos interessa não tem lugar na identidade, mas não tem lugar algum. Não tem lugar no corpo, fica entre os órgãos, como diz Freud do inconsciente. Isso não dá lugar!

O perigo é recusarmos o imaginário das identidades e cairmos nos braços do universalismo eurocêntrico (para não dizer escravagista) que elas justamente visam recusar e para o qual, muitas vezes, são um modo de erigir uma alternativa.

É onde temos sido colocados, como os defensores do patriarcado. É injusto, mas se nos contentamos com a ideia de que o gozo singular não tem identidade, corremos o risco de lançar essa afirmação do lugar do Universal que essas identidades buscam negar: o do Pai.

Clínica da identidade

Então nossa questão é clínica sobretudo. O que fazer, quando o candidato à análise, por uma razão ou por outra, não pode abrir mão, nem em parte, de sua identidade (e de seu gozo), como iniciar uma análise? Se precisa recusar o sujeito

⁸ HAIDER, A. *A armadilha da identidade: raça e classe nos dias de hoje*. São Paulo: Veneta, 2019. 160p. (Coleção Baderna)

⁹ Cf. SOUZA, J. *Como o racismo criou o Brasil*. São Paulo: Estação Brasil, 2021.

suposto saber por tomá-lo, por exemplo, como o sujeito suposto branco, ou macho, como dar lugar ao sujeito?

Como passar da afirmação de si à apresentação de um fora de si, o sujeito?

Creio que o melhor modo é retomar, em um novo contexto, de nova maneira, portanto, as relações entre sujeito, gozo e identidade, discutindo os modos de articulação entre eles a partir do último ensino de J. Lacan, em que não há primazia alguma entre os registros que eles representam, respectivamente, real, simbólico e imaginário, mas um enlace borromeano.

Então, quero fazer um elogio ao imaginário (à identidade) como proposta para a discussão e não sua crítica. Afinal, Lacan afirma que há um gozo singular que se cristaliza em uma identidade¹⁰ sem opor completamente, portanto, os dois.

1) A afirmação de uma identidade e o pertencimento a um grupo podem permitir um lugar na cidade, de outro modo impossível, a não ser como matável, e isso inclui até mesmo, em alguns casos, a terrível identidade de “microempreendedor social”. No Brasil, a identidade salva vidas, desidentificação nem sempre é possível.

2) A afirmação de uma identidade não necessariamente leva ao tribalismo ou a um relativismo vazio (cf. Édouard Glissant: O particular das colônias não precisa do universal da metrópole para se afirmar, ou ainda, o discurso de saída do Partido Comunista francês de Aimé Césaire).¹¹

3) Um exemplo de política identitária bem-sucedida: o efeito da política de cotas no acesso à universidade. A universidade pública brasileira foi inteiramente subvertida por uma política que se apoia exatamente em uma classe (mais imaginária que simbólica, o que enfureceu muitos intelectuais “progressistas”). No entanto, levou a uma subversão do saber universitário evidente e em curso. Um saber – até então não-sabido – veio ocupar lugar em meio aos saberes, até então, tidos como únicos e universais. E isso não vai acabar.

4) Há um grupo identitário especial em que as coisas vão mais longe, um grupo especialmente heterogêneo que afirma sua identidade a partir de uma perturbação corporal e que a define a partir de uma modificação da imagem de si, só que incluindo, necessariamente, o corpo. O dos *Trans*. Podemos construir uma leitura do fenômeno. Temos feito isso, mas é preciso também buscar seus matizes. Nem tudo se resume ao grito do mestre capitalista contemporâneo, neoliberal americano, ao qual devemos opor o sagrado da singularidade ou da contingência (aliás, é bom lembrar que o mestre contemporâneo é o capitalista e é justamente com ele que devemos lidar e não com o mestre do discurso do mestre).

Há trans que nos ensinam. Há alguns anos, eu sugeria Linn da Quebrada como trans que em nada é o paradigma do discurso universitário ou do capitalista. Quando alguém como Linn da Quebrada faz a apologia da *bixa preta* em seus *raps* e do gozo de “travecar”, o que faz efeito não é tanto a surpresa do excluído que passou a se incluir, como nos rolezinhos do *shopping*, por exemplo. Afinal, rapidamente tudo se torna mercadoria. O gozo trans de que fala Linn da Quebrada não é o da afirmação neoliberal

¹⁰ “É evidente que a identificação é aquilo que se cristaliza em uma identidade [ce qui se cristalise dans une identité]”. Cf. LACAN, J. Leçon du 12 novembre 1976. In: LACAN, J. *Le séminaire*, livre 24: *L’insu que sait de l’une-bévue s’aile à mourre*. Paris: [s.n.], 1975. (Inédito)

¹¹ Cf. GLISSANT, E. *Poética da relação*, Porto, Sextante Ed., 2011; e CESAIRE, A. *Discurso sobre o colonialismo*, Lisboa, Sá da Costa Ed., 1978.

de um eu no comando. “Se sua voz prende e perturba é mais porque nomeia um gozo *trans* que se apresenta como a brecha por onde o real atrapalha, faz sintoma e impede a circulação das mercadorias.”¹²

Do discurso analítico e da política: aquilombar-se

Então, para concluir, retorno à política. Haveria uma política própria à psicanálise? Temos muitas formulações, esboços de propostas, uma “política do sintoma”, uma “identificação de-segregativa”, já vivemos o auge da proposta de uma “política do sujeito”, sempre na tentativa de circunscrever a especificidade da psicanálise na vida comum. Ainda são, hoje, boas ideias mais que conceitos ou práticas bem estabelecidas, mas fazem nossa comunidade trabalhar e espero que possamos trabalhar um pouco nesse sentido hoje, aqui, também.

Existem as políticas que se distanciam da experiência analítica. Creio que não podemos aproximar “nossa” política do plano da vida representativo-partidária que, digamos rapidamente, podemos assimilar ao que Lacan definiu como o discurso do senhor, do mestre (não que ele não tenha todo seu valor, fundamental modo de resistência hoje, inclusive); nem no das políticas ditas culturais, ou identitárias, se as restringirmos à afirmação da identidade como princípio e fim da ação política (seria apenas reiterar um ego no comando e é o que critica Haider). (A essa forma política, muitos de nós têm associado o discurso universitário, no sentido da burocracia, acho pouco, mas de todo modo indica que estamos longe do discurso analítico.)

Fiquemos com uma só definição. Aquela proposta por Jacques-Alain Miller: é preciso estar à altura do “acontecimento imprevisto”¹³.

Talvez essa definição nos ajude a ver que é preciso ouvir os que nos ensinam sempre ser possível, a despeito de tudo, engendrar, em pleno sol do meio-dia, um campo de sombra, uma exterioridade interna, *êxtima*, segundo o neologismo de Lacan.

Não é o que faz Tania? Cada um “encobre” a castração como pode. Os doutores/universitários encobrem a castração fazendo pensar que eles sabem aquilo tudo, mas, como lembra Tania, o saber trabalha por conta própria. Outros com sua identidade de gozo, mas também, como foi para sua mãe, o belo. Diante desse olhar que a apagava, ela vai poder colocar sua paixão a serviço do que passa pelo saber, mas não é exatamente saber.

Ela vai poder ser a parteira analista porque deixa de fazer o parto pelo analisante. Mas a castração, como impossível, não como imaginária (do par, bela ou inibida/burra).

Fazer com o impossível do dizer, para ela, é fazer com a fala do Outro. E o impossível volta o tempo todo. Da última sequência que conta, as nuvens pesadas, o precipício do sonho, a solidão, ela extrai uma pérola, um traço, irrupção: é que o impossível pode se situar no tempo! A vida anda, temos que seguir/acompanhar...

Entendo que esse testemunho alinha o analista, ou o discurso analítico, como uma das possibilidades de vida em nossa cultura: a que firma que sempre podemos ler, encontrar um sentido, mas o melhor é quando o querer fica em aberto.

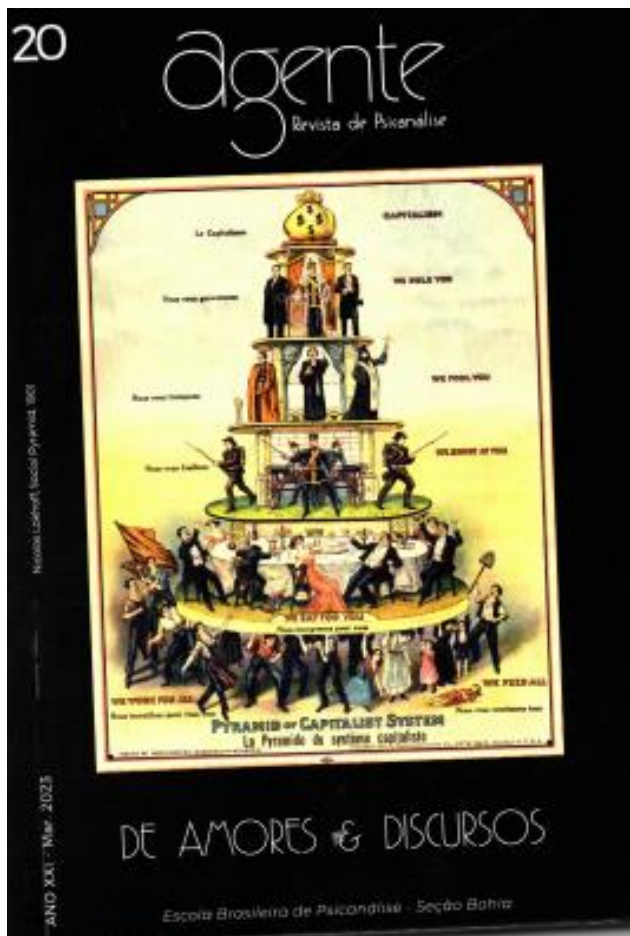
Gosto do verbo “aquilombar-se”, ele remete ao quilombo como força coletiva de experiência social fora do discurso do mestre. Alguns *trans* (Linn) aquilombam-se a partir

¹² VIEIRA, M. A. *A psicanálise do fim do mundo*. Seminário na EBP-Rio, 2018. (Inédito)

¹³ MILLER, J.-A. *Los usos del lapsos*. Clase XI. Buenos Aires: Paidós, 2004. p. 223.

de seu fazer, e que por isso mesmo são os mais visados pela necropolítica de mercado. Mas tantos outros, com um pouco de arte ou loucura promovem o milagre do acontecimento subversivo, tal como foi o de Freud em seu tempo.

Em sentido análogo, o analista talvez valha hoje menos por sua interpretação no sentido que lhe deu Lacan (de corte e ressignificação pela reintrodução do resto na consideração do ego) do que pela surpresa que provoca ao propiciar, com as nomeações que acolhe, um lugar para o real. Este anda tão oculto sob as proezas da ciência e promessas do mercado que sua localização nos abre ao que do corpo é vida que resiste a se tornar objeto e insiste como *sinthoma*.



Escola Brasileira de Psicanálise
Seção Bahia

agente
revista de psicanálise

Ano XXI - Número 20 - janeiro 2023.
Publicação da Escola Brasileira de Psicanálise -
Bahia - Av. Anita Garibaldi, 1211 - Ed. Central
Pólis - Ondina - Cep: 40.170-130 - Salvador-
BA - Telefone: 71 3235 9020
<https://www.ebps.org.br/ba/>

Editor
Marcelo Antelo

Conselho Editorial
Fátima Serrano, Inês Gurgel, Luiz Felipe Menezes,
Nora Gonçalves e Rêgo Saes

Equipe editorial
Dilma Gil Travenço
Mário Nader

Traduções
Alison Fereschi, Davina Araújo, Dilma Gil Travenço,
Inês Gurgel, Inês Casares, Luciana Sordi,
Marilda Assis, Mário Nader, Nelson Marinho Sika e
Régio Barros

Correspondentes outras línguas

Flaviana Skarlatos (grego) e Marlene Sosa (francês)

Revisão

Luiz Moisés

Ilustrações

Capa: Nicolas Laskhoff, Social Pyramid, 1901
Cantos-capas: Leonardo Dudreville, Amore dicamur
prima, 1924

Capa e editoração

Rêgo Saes

Diretoria Geral EBP-Bahia (2021-2023)

Marcelo Antelo (Diretor Geral), Rêgo Saes (Diretor Secretário
Técnico), Inês Gurgel (Diretor de Gestão e Inter-relação),
Luiz Felipe Menezes (Diretor de Biblioteca)

Conselho Deliberativo EBP-Ba (2022-2023)

Carla Fereschi (Presidente), Alison Fereschi (Secretária),
Anaísa Colman, Célia Sallas, Lucy de Castro,
Paulo Celvetelli

O conteúdo dos artigos é de exclusiva responsabilidade dos autores.

Ficha catalográfica Revista Agente

Agente: Revista de psicanálise/Escola Brasileira de Psicanálise/Seção Bahia. -- a.1, n.1 (jun./1994) -- Salvador: EBP/BA, 1994. -- a.21, n.20, mar./2023.

Annual.

Continuação do título Agente: Setor Bahia do Campo Freudiano.

Em 1995, este passa a ser intitulado Agente: Boletim da escola de psicanálise.

Em 1997, o título da revista passa a ser Agente: Revista de psicanálise.

ISSN: 2318-6054.

1. Psicanálise - Periódicos. I. Escola Brasileira de Psicanálise - Bahia

CDD: 150.195
CDU: 159.964

Bibliotecária responsável: Zélia Ferreira Santos Barreto - CRB: 5/3993

9 EDITORIAL
Marcelo Antelo

DISCURSOS

15 O discurso capitalista e o impossível
Fabrício Fajnzul

29 Histeria, desejo e gozo
Flaviana F. C. Shancham

45 O saber em fracasso e o fracasso do saber
Helenice de Castro

57 "O que é que, ao dizer, isso quer?"
Tânia Abreu

65 O acontecimento do dizer
Marcos André Vieira

77 Trans... discursos
Flávia Caba

AMOR

89 A erosão de Eros
Marcelo Antelo

95 Ditos de Abertura
Mônica Hage

97 Maus tempos para o amor
Rosa López

111 De mulheres e homens
Rosa López

127 A erosão de Eros vigência do amor
Sibilla Elena Tendler

139 Ventilação analítica e o não-todo
+ subitúo Raich